

**Cláudia Heynemann**

Mestre em História Social da Cultura - PUC/RJ.  
Chefe do Setor de Pesquisa do Arquivo Nacional.

## Edições perigosas: a *Encyclopédie* para Robert Darnton

**A**o escolher o tema da *Encyclopédie* para abordar a obra de Robert Darnton, nossa intenção é a de ter a oportunidade de articular este objeto a outros temas relacionados com a história da leitura presentes no conjunto de sua produção. Assim, falar de um livro como a *Encyclopédie*, certamente sugere pensarmos no universo de livros clandestinos, nos panfletos, na pornografia e em toda uma literatura que será consumida no período pré-revolucionário. Significa também e sobretudo, refletir sobre as origens ideológicas da Revolução e sobre o surgimento dos intelectuais,



*philosophes.*

Certamente que a discussão sobre o caráter das Luzes, ultrapassa em muito os limites deste artigo e sabemos ser inesgotável o tema do Iluminismo e da Ilustração, bem como a sua própria conceituação e delimitação espaço-temporal. Ainda assim, a *Encyclopédie*, marcada pelo seu conteúdo filosófico e pela sua proposta de sistematização do conhecimento e mesmo pela plasticidade de suas imagens, pelos autores com que contou e pelo processo de edição e comercialização, é sem dúvida nenhuma o centro irradiador para uma reflexão que é também sobre a natureza

de uma história da leitura e daquilo que ela pode comunicar como história cultural. Às infinitas imagens espelhadas pelo 'livro sobre um livro', acrescentamos então um comentário centrado em *L'aventure de l'Encyclopédie*.

### **Edições perigosas: a *Encyclopédie* para Robert Darnton**

Um *best seller* na época das Luzes, é o sub-título que Robert Darnton dá ao seu *L'aventure de l'Encyclopédie*<sup>1</sup>, e esta será a história a ser contada a partir de 1772, quando Diderot está concluindo o último volume do *dictionnaire raisonné*, tal como a obra se propõe a ser. Uma obra perigosa, esta é a conclusão das autoridades francesas, diante destes volumes que não se limitam a atingir todos os campos do conhecimento, mas que promovem uma transformação radical, destronando o antigo reino das ciências, rearranjando o universo cognitivo: a razão é soberana, a árvore do conhecimento tem como tronco a filosofia, de onde saem os ramos da ciência, deslocada a teologia para um lugar distante, próxima da magia negra. Apesar dos subterfúgios utilizados nos verbetes, das estratégias das entrelinhas, não podem esconder o fundamento epistemológico que atinge a antiga cosmologia.<sup>2</sup>

Se é claro para todos nós a importância que terá a *Encyclopédie* como síntese do pensamento iluminista, do racionalismo cientificista, obra suprema

das Luzes como assinala Darnton, cabe discutir o que é uma história da obra, o que se pode contar sobre ela quando tantos estudos foram realizados, verbetes publicados, e mesmo seus autores e colaboradores bastante analisados. Assim, porque partir do que é paradigmático? Para Darnton, esta especificidade é exatamente um dos principais atrativos da pesquisa, seguir todas as etapas de sua confecção, o que não foi possível em outros casos, dissipando assim certos pontos obscuros em relação a história da leitura. Trata-se de uma proposta metodológica, que quer aliar os aspectos mais materiais da literatura do Antigo Regime à perspectiva empírica britânica e às tendências sociológicas e estatísticas francesas.

E, é na França que a história da leitura encontra seu solo mais fértil, lançando amplas questões sobre a história moderna. Uma história da leitura no setecentos aponta para reflexões em torno do caráter pré-revolucionário do século, para os conteúdos destas leituras, e o conjunto da obra de Robert Darnton se torna tanto mais interessante, quando pensamos que à aventura da *Encyclopédie*, soma-se a análise que fará das obras pornográficas, do submundo literário, do conjunto de livros clandestinos que classificados como 'filosóficos' incluem Holbach e as crônicas escandalosas.

Para compreendermos este universo, é

Robert Darnton

**L'aventure  
de l'Encyclopédie**

1775-1800

Préface d'Emmanuel Le Roy Ladurie



Histoire

fundamental analisar todos os aspectos que envolvem a produção do livro no século XVIII, tendo em mente as diversas perguntas que Darnton formula e que podem se multiplicar infinitamente. Algumas delas têm um lugar central para os pressupostos deste artigo: como os grandes movimentos intelectuais, como o das Luzes, repercutem na sociedade? Até onde são entendidos? Qual a medida de suas influências? De que forma o pensamento dos filósofos se revestiu quando se materializou sobre o papel? O que revela essa empresa sobre a transmissão das idéias? Como funcionava o mercado literário e que papel tiveram os editores, livreiros e outros intermediários da comunicação cultural?<sup>3</sup>

Todas estas questões convergem para a opção do autor de tratar a literatura como um sistema de comunicação, concentrando-se em seus principais protagonistas: autores, editores, livreiros e leitores, descortinando assim uma história dos livros que se

desenrola no contexto humano, rica em personagens pitorescos; os homens e mulheres que fabricaram e venderam os livros são criaturas de carne e sangue. Eles comerciaram, blefaram, espionaram, mentiram. Eles se arruinaram e fizeram fortuna dando livre curso a toda gama de emoções humanas. Procurando-os conhecer, pode-se apreciar a intensidade da

paixão investida nos objetos familiares que nós admiramos sobre a prateleira de nossas bibliotecas e temos dia após dia em nossas mãos. Por trás das obras do Antigo Regime se dissimula uma vasta comédia humana.<sup>4</sup>

A convivência entre as obras da 'mais adiantada filosofia' com a mais 'reles pornografia', como atestam as fontes por ele utilizadas, se dá no ambiente da sedição, na valorização das obras proibidas que circulam na França neste período, trazendo ainda o surgimento de um novo personagem: o intelectual, esse novo tipo social, homem de letras<sup>5</sup> deste país tão peculiar que é a França literária, uma República das Letras. Esse novo tipo escapa às categorias clássicas do Antigo Regime: "pode estar na academia francesa, mas dorme também sob os forros, vive nos cafés e se nutre, como indica Voltaire, de 'rimas e esperanças'".<sup>6</sup>

Procurar perceber as regras do jogo do mundo literário, uma sociologia da literatura como espaço de poder, com seus campos opostos, alinhamentos e doutrinas, certamente é uma opção que negligencia a análise do texto literário e dos indivíduos, em favor da compreensão de um sistema, de uma cultura literária na qual os intelectuais representam uma força social. Busca assim, prioritariamente, assinalar o lugar desta República das Letras na sociedade do Antigo Regime, em uma leitura que, por um lado, recusa a

relação imediata entre as obras e a Revolução, mas que se reporta incessantemente ao período pré-revolucionário, no sentido de reafirmar o caráter literário da Revolução, a "revolução no interior da revolução".<sup>7</sup>

A *intelligentsia*, essa categoria que se apresenta ao público através de seus escritos sediciosos, merece de Darnton uma demografia e uma sociologia histórica, ainda que não se proponha a biografar os 'gênios' individuais. É preciso estabelecer quem é escritor na França pré-revolucionária, e para tal ele esclarece um pouco sobre suas fontes como o almanaque *La France littéraire*, cujo aparecimento em 1752 já indica mudanças na República das Letras do Antigo Regime, onde os compiladores cada vez mais incluem nomes, como o faz o incansável La Porte, verdadeiro eco dos enciclopedistas, um de seus redatores, descrito pela polícia francesa como "um homem de más companhias. Foi jesuíta por oito anos e é um grande amigo do abade Raynal".<sup>8</sup>

Uma *Intelligentsia* que já se forma em torno de Voltaire, Diderot e outros filósofos, mas ainda carente de uma identidade social e de uma base econômica definida, fundando-se na boêmia, no elemento marginal desta república letrada. Sobretudo a questão da origem destes intelectuais e de seu público receptor, é fundamental para a discussão e o debate revisionista sobre o processo revolucionário, partindo do

conteúdo das idéias iluministas, dos leitores destas obras e do sentido das reformas empreendidas e propostas naquele momento. Se é certo que para responder a pergunta inicial, 'o que liam os franceses no século XVIII', é preciso uma acurada crítica de fontes como os inventários das bibliotecas, nas quais não figura a bíblia da Revolução, *O contrato social*, e de onde uma série de inferências serão realizadas, não é menos correto dizer que efetivamente o *Contrato* estava pouco divulgado na França pré-revolucionária. O que não exclui o espírito crítico das Luzes, presente na visão de mundo da qual a *Encyclopédie* será o signo.

A Revolução não era de modo algum pensada pelos homens das Luzes, ainda que esta se aproximasse, o que não elimina o caráter eminentemente político dos textos sediciosos, estes críticos e virulentos papéis que circulam às vésperas de 1789:

a sedição se prepara, instila-se nos espíritos. Não podemos medir claramente seus efeitos na ação nem recuperar a arriscada alquimia que transmuta a sedição em revolução, mas podemos seguir seus traços e sabemos com certeza que ela se comunica por um instrumento temível: o livro.<sup>9</sup>

Entre estes livros temíveis, está, sabemos, a *Encyclopédie* de Diderot e d'Alembert. Temível pelos seus próprios pressupostos, como anunciamos no

início deste artigo, a *Encyclopédie* não faz um apelo à revolução, e sequer preconiza um capitalismo avançado. Trata-se de uma obra de meados do século em que não se discute abertamente as questões sociais. Sua heresia está em afirmar o primado da razão, e da razão apenas, redesenhando o mapa do conhecimento humano, o que está explícito no *Discours préliminaire* que, em uma breve história da filosofia, estabelece a genealogia intelectual dos filósofos, desfere golpes contra o tomismo ortodoxo e o cartesianismo, apresentando sua obra como uma compilação de informações

e como manifesto filosófico<sup>10</sup>, identificando assim, o conhecimento com a filosofia, um conhecimento que só é válido porque derivado das faculdades do espírito. Os verbetes do *dictionnaire*, ao contrário do *Discurso preliminar*, não são tão claros, é preciso ler nas entrelinhas, recurso lubrificador da censura.

Apesar da estratégia, os contemporâneos não têm dificuldades em perceber o objetivo da obra. De 1751<sup>11</sup>, data em que aparece o primeiro tomo, até a grande crise de 1759, a *Encyclopédie* é denunciada por um sem número de instâncias que defendem, é



Diderot, Denis et all. *Encyclopédie. Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers.* Paris: Brosson, 1751 - 1780, 35 vols.

R

claro, as velhas ortodoxias e o Antigo Regime. No entanto, o alto investimento dos editores garantem sua sobrevivência, através das influências políticas empregadas. A polêmica sobre a obra permanece no entanto, enquanto aparecem os volumes 3 a 7. Do lado dos enciclopedistas, Voltaire empresta seu prestígio a causa, enquanto Diderot e d'Alembert encontram como colaboradores, escritores ilustres, alguns já conhecidos como filósofos: Duclos, Toussaint, Rousseau, Turgot, d'Holbach, Quesnay e outros. Como assinala Darnton, nada poderia ser melhor para as vendas do que a incessante controvérsia que a obra desperta: a *Encyclopédie* é um sucesso editorial, multiplicando as subscrições ano a ano, enquanto se desenrolam as crises em torno de sua publicação.

Em *L'aventure de l'Encyclopédie* Darnton procura assim cumprir a proposta de simultaneamente traçar a sua história editorial, a empresa de sua confecção e, por outro lado, interpretar o sentido que ela terá na França pré-revolucionária, sua relação com as idéias de capitalismo e de Estado, as implicações enfim que ela terá do ponto de vista da revolução literária que opera no interior da Revolução.

Em outra de suas obras, *Gens de lettres, gens de livre*, ele levará adiante este tema, certamente uma tese central, da afirmação do caráter literário da Revolução. Nela está implícita a crença

V O

de que a Revolução engloba muito mais do que a literatura, tende a criar um novo modo de vida, e é por sua própria natureza oposta ao sistema cultural do Antigo Regime. Ao transformar a cultura francesa, revoluciona-se a literatura, não apenas o texto, mas a sua própria noção e, devemos sublinhar, esta é a perspectiva fundamental de Darnton: a transformação da literatura como sistema social. Os atos revolucionários interferem decisivamente na liberdade de imprensa, na liquidação das corporações de livreiros, na abolição dos monopólios da *Comédie Française* e da *Opéra*, na destruição das academias, no fechamento dos salões e por fim no aniquilamento do sistema de proteção da corte.<sup>12</sup>

Ao apresentar sua análise da *Encyclopédie*, Darnton afirma que um livro sobre um livro, é um jogo de espelhos, multiplicando as imagens infinitamente. Podemos pensar que assim funciona seu próprio método para nós, seus leitores. Ele se perguntará em um certo momento, porque a literatura foi tão importante para os franceses, como encontraram tempo para o *Philinte* de Molière, enquanto nas ruas há uma luta desesperada em torno do que será o novo regime. A sua resposta é o caráter literário da Revolução. Mas, poderíamos perguntar: porque a literatura é tão importante para Robert Darnton? De que ponto de observação ele se situa?

Por um lado, ao demarcar a história da

leitura como um campo específico de conhecimento, ele anuncia que é chegado o momento de aliar a teoria literária à história dos livros:

A teoria pode revelar a variedade nas reações potenciais a um texto, ou seja, aos constrangimentos retóricos que dirigem a leitura sem determiná-la. A história pode mostrar que as leituras realmente ocorrem, ou seja, dentro dos limites de um corpo imperfeito de evidência (...). Por isso eu argumentaria em prol de uma estratégia dupla, que combinaria a análise textual com a pesquisa empírica.<sup>13</sup>

Assim, a despeito de anunciar a opção por uma análise do sistema de comunicação, propõe a incorporação da teoria literária como instrumento para uma história da leitura. É ainda, a nosso ver, uma leitura externa ao texto, no sentido de uma crítica que não parte do próprio objeto, da obra de arte, das condições internas à escrita, mas que é em parte alcançada em momentos privilegiados de seu texto, como quando analisa o *Philinte* de Molière, com personagens que se movem sem qualquer alusão ao que neste momento acontece nas ruas.

Perceber que a reconstrução social da realidade passa pela volta aos temas herdados do Antigo Regime, enquadrando suas observações nos gêneros familiares, assinalando a impossibilidade da tarefa de

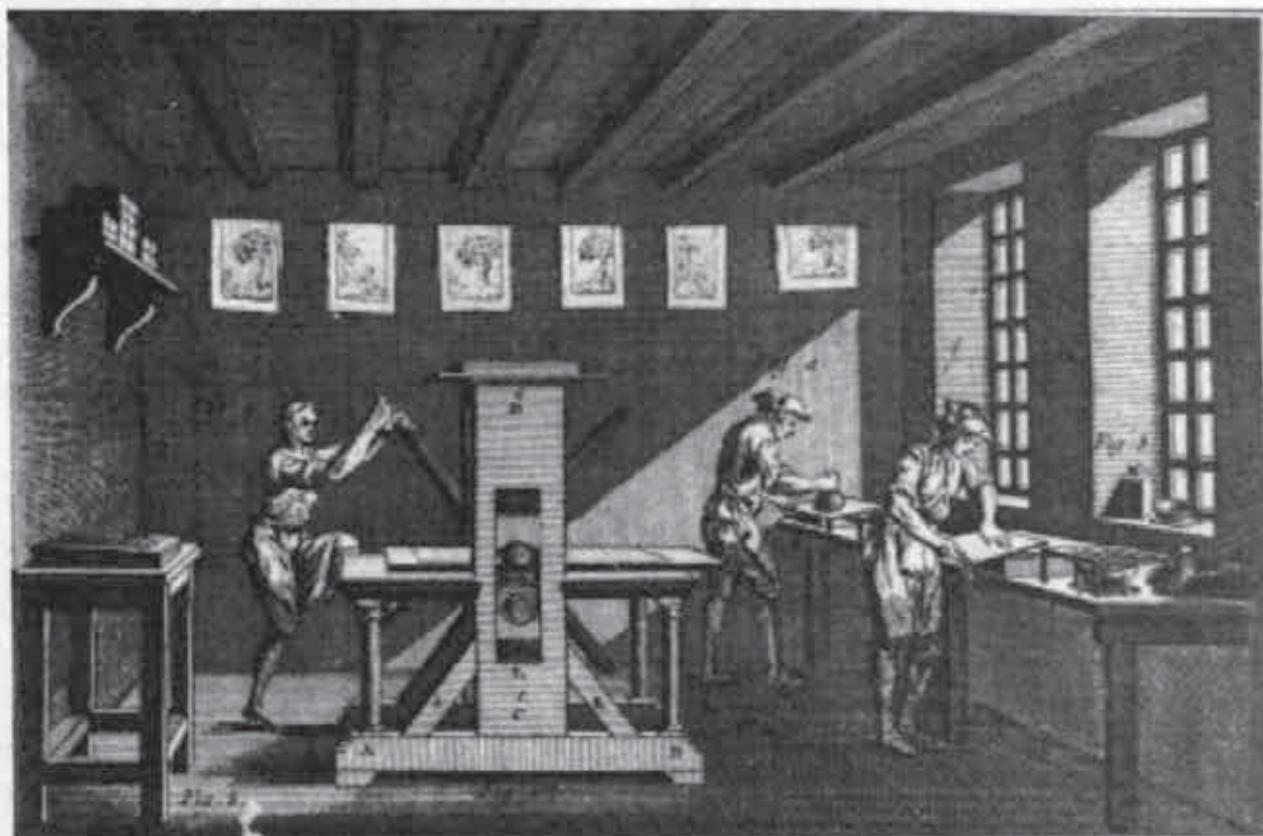
reconstrução, é na verdade a tese de Darnton. Ele dirá, então, que enquanto produtos do sistema literário particular ao Antigo Regime, os escritores da Revolução revolucionam a literatura: "eles começam a partir de 1789 capturando o centro sagrado do antigo sistema literário - o espaço modelado por Molière - e terminam em 1794 introduzindo-o no coração de uma nova cultura política".<sup>14</sup>

Caberia aos intelectuais encontrar uma ordem nesse novo regime. Suprimidas as instituições literárias do Antigo Regime, as novas formas literárias figuram agora como elementos de uma cultura revolucionária e o fazem retornando à experiência anterior. No entanto, Darnton assinala que a Revolução teve uma amplitude que ultrapassou a compreensão daqueles que foram seus artistas. Diferenciando-se de um revisionismo mais disseminado, corrente, ele define que "a meu ver, é uma revolução total em seu programa, e segue na sua prática uma revolução no tempo, no espaço e nas relações pessoais como na política e na sociedade"<sup>15</sup>, estando além, portanto, de um fenômeno político derivado do discurso de teóricos como Rousseau e Sieyès.

Na obra de Darnton persiste a questão básica da repercussão dos grandes movimentos intelectuais como o das Luzes, na sociedade. Mais do que uma questão, ela é em si uma premissa, e é através dela que se opera a sua análise.

Retomando assim, a oposição Voltaire/Rousseau, ele conclui que Robespierre banuiu o riso da República da virtude. Eles sabiam muito bem o que faziam. Esta era uma empresa importante, nada menos do que a reconstrução social da realidade. Também começaram uma tarefa que Rousseau lhes deixou. Uma tarefa tão extravagante que ultrapassa o nosso entendimento - a correção de Mollère.<sup>16</sup> O lugar que estes intelectuais ocupam

na República das Letras do Antigo Regime e seu papel no processo revolucionário está no centro da discussão sobre o revisionismo. A 'revisão' operada por Darnton, se dá em uma perspectiva bastante específica, e talvez seja um excesso de Le Roy Ladurie incluir o autor como um dos "quatro mosqueteiros do revisionismo pré-revolucionário", no prefácio à *L'aventure de l'Encyclopédie*, ao lado de Furet, Daniel Roche e Gayot.



Diderot, Denis et alli. *Encyclopédie*. Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers. Paris: Briasson, 1751 - 1780, 35 vols.

Renovar a compreensão das origens intelectuais e culturais da França, significa de qualquer forma, repensar quem são estes intelectuais e qual o caráter das Luzes. É Darnton quem se interroga sobre o conceito de 'revolução burguesa'. Ela resultará burguesa talvez, pelos seus objetivos finais, mas intelectualmente as Luzes, das quais são inquestionáveis os prolongamentos revolucionários, estão ligadas a um público receptor apenas em parte ligado às formas vanguardistas do capitalismo burguês.

Para Ladorie, as Luzes estão longe de serem especificamente burguesas, *a fortiori* capitalistas, aprofundando o perfil de uma ilustração vinculada à nobreza, extremamente poderosa nas cidades setecentistas francesas, reavaliando "o monstro feudal", o Estado, "como se muita água não tivesse corrido sob as pontes do Sena desde Hugues Capet".<sup>17</sup> Ladorie parte das estatísticas dos compradores da *Encyclopédie*, cuja concentração se dá em cidades dominadas pela nobreza,



Diderot, Denis et alii. *Encyclopédie. Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers.* Paris: Briasson, 1751 - 1780, 35 vols.

R

V

O

muito mais do que em cidades caracteristicamente comerciais. Os compradores/leitores urbanos da obra concentram-se no clero, na fração esclarecida da nobreza e em uma certa porção da burguesia que compõe-se de notáveis que vivem de renda fundiária, arrendatários que têm ganhos derivados do Estado, funcionários públicos, militares, médicos, advogados etc. No coração dessa clientela enciclopedista, há o Estado, aqui classificado como um Estado citadino, matriz da nossa modernidade, a despeito de uma aparência indiscutivelmente tradicional, da pessoa do rei e dos ritos de etiqueta da corte. O que ele enuncia neste prefácio, é que os membros ou satélites deste Estado, justamente por estarem em seu interior, estão atentos às transformações sócio-políticas das estruturas burocráticas e governamentais, preparando uma revolução, à sua maneira, que irá muito adiante deles.<sup>18</sup>

Não devemos exagerar, adverte Ladurie. Não os façamos responsáveis pelas Luzes nem pela Revolução, que eles involuntariamente ajudaram a preparar. Afinal, por volta de 1780, os comerciantes das pequenas cidades não se interessavam nem pela aquisição, nem pela leitura da *Encyclopédie*. Eles estavam muito ocupados em comprar tapeçarias para decorar suas casas. Não interpretavam nem transformaram o mundo. Idéias, política e reformas estavam na cabeça de intelectuais.

Neste ponto, o prefácio torna-se bastante interessante por efetuar uma genealogia das academias e sociedades científicas, e os pontos de clivagem entre os aristocratas e o Terceiro Estado, o processo constitutivo das academias, das sociabilidades científicas, sua composição e a passagem de uma cultura típica do cristianismo clássico para a cultura de origem antiga e renascentista, cartesiana e voltairiana que distinguem as academias. Um progressivo movimento que torna os membros das academias, "iguais no interior de si mesmos, culturalmente enciclopedistas"<sup>19</sup>, típicos de uma sociedade de corporações. As sociedades científicas serão o palco de uma diferenciação entre aristocracia e Terceiro Estado. A *Encyclopédie* se integra à desestabilização de um conjunto de sócio-culturas do Antigo Regime, como avalia Ladurie. Em conjunto com toda uma crise financeira, política e de subsistência, entre os anos de 1787 e 1789, vai abaixo o "edifício que uma geração de cupins intelectuais haviam previamente roído até as vigas".<sup>20</sup>

De que forma a *Encyclopédie* se integra a este processo? A produção e difusão da obra, sua singularidade, um dos atrativos que ela oferece como objeto para uma história da leitura no Antigo Regime, nos traz novamente a metáfora do jogo de espelhos, pois do seu conteúdo filosófico à sua materialidade, há um desdobramento incessante de

questões que apontam de certa forma para uma questão fundadora: o que liam os franceses no século XVIII? Ainda que um único livro não possa responder esta pergunta, a história das suas edições contém o debate sobre as origens intelectuais da Revolução, sobre o Antigo Regime, sobre o campo específico de conhecimento que pode ser a história da leitura e não menos importante, senão uma exegese, uma análise bastante aprofundada do que seria a síntese do pensamento iluminista e do enciclopedismo, uma herança que ultrapassa em muito seu espaço-tempo.

Porque, seja ou não, o maior empreendimento da história do livro, como proclamaram seus editores, a *Encyclopédie* foi certamente o acontecimento mais extraordinário do século XVIII. Esta afirmação de Darnton, ancorada no mercado editorial do período, tornando mensurável esta "concretização das Luzes"<sup>21</sup>, traz em si alguns debates historiográficos, dos mais relevantes, sobre o alcance da obra. De um lado, a visão de que as Luzes são um vasto movimento que modifica a opinião pública, de outro, os que a consideram como um movimento superficial restrito a um círculo pequeno de intelectuais.

A primeira tese está representada por historiadores como Tocqueville, Paul Hazard, Gustave Lanson e em certa medida, Daniel Mornet. No segundo

grupo, Darnton identifica uma tendência dos *Annales* que aplica um princípio de Lucien Febvre, que atravessa toda a história literária, segundo o qual o livro gera um 'atraso'. A inércia sufocaria o espírito de inovação no quadro da cultura literária do Antigo Regime e quanto maior o número de livros, mais a inércia se instalaria, travando o progresso. Assim, a despeito do crescente interesse pelas publicações científicas, os franceses em sua maioria continuaram a ler os livros clássicos e religiosos que liam seus pais. A consequência de todo este raciocínio é que as Luzes não penetraram nas correntes mais profundas da cultura tradicional, constituindo um fenómeno superficial sem efeito sobre a maioria dos indivíduos.<sup>22</sup>

O estudo de uma única obra não permite avaliar a influência exercida pelo livro em geral, adverte Darnton, tarefa que ele desdobrará no conjunto de sua obra, pesquisando o universo da literatura clandestina através dos diversos gêneros que a compõe. Conforme ele elabora no capítulo "Os leitores respondem a Rousseau: a fabricação da sensibilidade romântica"<sup>23</sup>:

"quando os *philosophes* empreenderam a conquista do mundo, com o seu mapeamento, sabiam que o sucesso dependeria de sua habilidade em imprimir sua visão de mundo nas mentes de seus leitores. Mas como

ocorreria esta operação? O que, de fato, era a leitura na França do século XVIII?"

Responder a esta questão, compreender esta experiência que nos é tão familiar e no entanto tão distante historicamente, equivale a "penetrar em um mistério mais profundo - saber como as pessoas se orientam no mundo de símbolos tecido em torno delas por sua cultura".<sup>24</sup>

Um dos veículos para este mundo são as fontes utilizadas por Darnton em suas pesquisas, destacando-se os arquivos da Société Typographique de Neuchâtel, uma casa editora suíça. Mais do que as fontes impressas ou que os documentos oficiais de Estado, os arquivos das casas editoras permitem um contato com o mundo dos livros tal como ele era no século XVIII. Ainda que estes documentos não permitam uma idéia exata da história do livro propriamente, desde já podemos saber que Voltaire e Rousseau são endereçados a um vasto público e que o sucesso da *Encyclopédie* testemunha o atrativo que as Luzes representam para as classes superiores e médias, senão para as massas que fazem a Revolução.

Não é um fenômeno restrito a França, mas mesmo que os estudos estatísticos não possam ser efetuados para outros países (refere-se aos lugares mais 'distantes' como Ásia e América), pode-se perceber a realidade do mercado de livros. Os livreiros sabem que

participam de um vasto processo pelo qual as idéias repercutem através das artérias comerciais e se infiltram em todos os recantos do continente. Sabem que são os agentes das Luzes, porque vêem na difusão destas idéias, uma "mina de ouro"<sup>25</sup> a ser explorada. Ao trabalhar com o mercado da comercialização do livro, Darnton realiza aquela que é uma de suas propostas metodológicas, a de um sistema de comunicação onde figuram diversos personagens como artesãos, operários, livreiros, editores, todos eles participantes da Comédia humana. É na comercialização da obra, na relação entre oferta e demanda que cerca a publicação e circulação da *Encyclopédie* em suas diversas edições, da primeira até a *Encyclopédie méthodique* de Panckoucke, que ele localiza uma primeira relação entre o livro e o espírito capitalista, e é na 'ferocidade' dos editores que se confirmam os dados estatísticos: há uma avidez pelo enciclopedismo.<sup>26</sup>

No entanto, é também na própria afirmação do grande alcance das Luzes, que o autor inicia uma espécie de caminho de volta, não no sentido de sua relativização, mas do rompimento de uma relação direta e automática entre a *Encyclopédie* e a Revolução Francesa. Ou seja, que ela não nos responde sobre as origens intelectuais e ideológicas do processo desencadeado em 1789. A obra é muito vasta e não podemos saber que tipo de influência terá tido sobre

seus leitores e muito menos afirmar que a leitura de suas milhares de páginas os impregnou de jacobinismo. Contudo, seu sucesso editorial nos permite perceber que

para o público do século XVIII a obra representa um modelo de coerência. Ela mostra que o conhecimento é ordenado e não caótico, que o princípio diretor é a razão (...) enfim que os critérios racionais aplicados às instituições contemporâneas contribuem para desmascarar a insensatez e a iniquidade.<sup>27</sup>

Mais do que um produto de intelectuais 'corajosos', as Luzes filosóficas - fossem ou não um produto do refinamento burguês ou, por outro lado, empresa da nobreza e da burguesia de Estado ou ainda um produto que circula em grandes proporções como mostra a história da *Encyclopédie* - compõem um mundo que se desintegrou ainda naquele século, e do qual retém

continuidades, linhas que podem ser traçadas entre a edição de Diderot e a de Panckoucke, das academias reais ao Instituto Nacional ou ainda do enciclopedismo ao jacobinismo, como assinala Darnton em sua conclusão de *L'aventure de l'Encyclopédie*. No entanto, ele apostará no caráter igualmente significativo das rupturas.

Seu sentido está no deslocamento de um sistema cultural:

A Revolução aboliu o privilégio, princípio fundamental do Antigo Regime. depois ela reconstruiu uma nova ordem em torno dos princípios da liberdade e igualdade. Essas abstrações podem parecer vazias hoje em dia, mas elas tiveram um sentido crucial para a geração revolucionária da França. A história da *Encyclopédie* mostra como elas se expressaram no papel, disseminadas na ordem social, encarnadas nas instituições e integradas a uma nova visão de mundo.<sup>28</sup>



# N O T A S

1. DARNTON, Robert. *L'aventure de l'Encyclopédie, 1775-1800: un best seller au siècle des Lumières*. Paris: Librairie Académique Perrin, 1982.
2. Idem, *ibidem*, p. 30.
3. Idem, *ibidem*, p. 24.
4. DARNTON, R. *Gens de lettres, gens de livre*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1992, p. 10.
5. Observamos que a *Encyclopédie* é realizada por *Gens de lettres*.
6. DARNTON, R. *Gens de lettres, gens de livre*, op. cit., p. 121.
7. Idem, *ibidem*, p. 8.
8. Idem, *ibidem*, p. 125.
9. DARNTON, R. *Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 161.
10. DARNTON, R. *L'aventure de l'Encyclopédie*, op. cit., p. 30.
11. O Arquivo Nacional possui a edição completa da *Encyclopédie, 1751-1780*.
12. DARNTON, R. *Gens de lettres, gens de livre*, op. cit., p. 160.
13. DARNTON, R. "História da leitura". In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 1992, p. 229. Este texto encontra-se também no livro *O beijo de Lamourette*, de R. Darnton. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
14. DARNTON, R. *Gens de lettres, gens de livres*, op. cit., p. 163.
15. Idem, *ibidem*, pp. 160-161.
16. Idem, *ibidem*, p. 164.
17. LADURIE, E. Le Roy. "Préface". In: DARNTON, R. *L'aventure de l'Encyclopédie*, op. cit., p. 12.
18. Idem, *ibidem*, p. 12.
19. Idem, *ibidem*, p. 16.
20. Idem, *ibidem*, p. 19.
21. DARNTON, R. *L'aventure de l'Encyclopédie*, op. cit., p. 559.
22. Idem, *ibidem*, p. 567.
23. DARNTON, R. "Os leitores respondem a Rousseau: a fabricação da sensibilidade romântica". In: *O grande massacre dos gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

24. Idem, *ibidem*, p. 227.

25. DARNTON, R. *L'aventure de l'Encyclopédie*, op. cit., p. 570.

26. Idem, *ibidem*, p. 571.

27. Idem, *ibidem*, p. 580.

28. Idem, *ibidem*, p. 587.

## A B S T R A C T

This article proposes to address Robert Darnton's work and his discussion about the history of reading, based on the analysis conducted by this author, of the publishing of Diderot's and D'Alembert's *Encyclopédie* and its subsequent reprints, in the framework of the *Ancien Régime* and the French Revolution, having the Intellectual orders of the revolution as its focal point.

## R É S U M É

Cet article prétend discuter l'oeuvre de Robert Darnton et ses considérations sur l'histoire de la lecture, à partir de l'analyse faite par l'auteur de la publication de l'*Encyclopédie*, de Diderot et D'Alembert, de ses éditions postérieures, dans le cadre de l'Ancien Régime et de la Révolution Française et a comme point central les ordres intellectuels de la Révolution.